



Projeto Sabura: dez anos a ultrapassar barreiras e a quebrar estigmas no Bairro do Alto da Cova da Moura (BACM)

The Sabura Project: ten years overcoming barriers and breaking stigmas in the Cova da Moura Neighborhood (BACM)

Marco País Neves dos Santos*

Recibido: 16 de enero de 2017

Aceptado: 02 de junio de 2017

Resumen

Este artículo explora la importancia de las herramientas metodológicas de participación ciudadana en el desarrollo de un proyecto público y comunitario, con el fin de evaluar la relevancia de transmitir estos instrumentos en la formación académica de los profesionales que desarrollan este tipo de obras. Esto, a través de un caso de estudio que relata la construcción de la ludoteca Comunitaria de Villa Esperanza, en San Juan de la Maguana, República Dominicana, proyecto que buscaba contribuir a la prevención y retiro progresivo de niños, niñas y adolescentes, involucrados en el trabajo infantil peligroso, a través de la construcción de un equipamiento comunitario y el fortalecimiento de las organizaciones de base de la comunidad, con una metodología lúdico-educativa. Se concluye que el valor la ludoteca no es sólo por su equipamiento comunitario, sino que se entiende como parte de un proceso que, a través del juego, apuesta a integrar, consolidar y organizar a la comunidad.

Palabras clave: capital social, Cova da Moura, empoderamiento, estigma, Proyecto Sabura, turismo étnico.

Abstract

Sabura is a pioneering project in ethnic tourism in Portugal. It has been implemented in a neighborhood called Bairro do Alto da Cova da Moura ("the Bairro" or BACM) and celebrated its first decade of existence (2004/2014) last year. This paper is the first public presentation of the outcomes of this project. First, we make an introduction, followed by a description of BACM's historical and geographical context, a brief history of the Associação Cultural Moinho da Juventude (the ACMJ, a cultural association) and a description of Sabura's origin and development. Next, as a structural element of our work, we present and discuss the answers to a questionnaire completed by visitors during this decade. To conclude, we reflect on the relevance of this project within the broader process of social integration that is being carried out in BACM. Among the various conclusions we can draw from the findings, it should be stressed that "Sabura: Roteiro das Ilhas" (the Islands Roadmap) has boosted the economic activity in the Bairro, enhanced its self-sufficiency and promoted its cultural distinctiveness, which in turn fostered the self-esteem of its residents vis-à-vis the outside environment and worked as an element in the (re)construction of the Bairro's image, by opening it up to the outside world.

Keywords: Cova da Moura, empowerment, ethnic tourism, Sabura Project, social capital, stigma.

* Universidade Aberta, Lisboa, Portugal. Contacto: marco.santos@impic.pt

Cómo citar: Dos Santos, M. P. N. (2017). Projeto Sabura: dez anos a ultrapassar barreiras e a quebrar estigmas no bairro do alto da cova da moura (BACM). *Revista de Urbanismo*, 36, 63-81. <http://dx.doi.org/10.5354/0717-5051.2017.44965>

Introdução

Nos dias 31 de outubro e 1 de novembro de 2014, no Bairro do Alto da Cova da Moura (BACM), comemoraram-se 10 anos do projeto Sabura, 25 anos do Grupo de Batuque Finka Pé, e 30 anos da Associação Cultural Moinho da Juventude (ACMJ).

Neste ensaio vamos abordar o Sabura, um projeto pioneiro no domínio do turismo étnico português, pondo em evidência a sua importância para a mudança da imagem negativa que existe na população que vive fora do Bairro da Cova da Moura. O nosso objetivo é mostrar que este projeto é determinante para a abertura do Bairro ao exterior e, simultaneamente, para a construção de referências no seu interior, ao elevar autoestima identitária dos próprios habitantes, através da organização de visitas guiadas que, em primeiro lugar, valorizam o seu próprio património cultural que transportaram de Cabo Verde, e, em segundo lugar, dinamizam a atividade comercial própria do Bairro, potenciando o seu autossustento. Ou seja, este projeto promove a interligação entre os moradores do Bairro e os visitantes, um caldo de culturas e diferentes formas de viver, entre o estigma de uma imagem negativa e a realidade de um local cheio de vida e entusiasmo.

O lançamento deste projeto foi ambicioso, e aconteceu quando não existia em Portugal qualquer outra iniciativa com estas características, e quando o Bairro estava fechado e isolado, e era considerado muito perigoso, o que aliás motivou que no início os percursos guiados fossem desenhados considerando o nível de risco para os visitantes (Santos, 2015). Se hoje qualquer pessoa pode visitar o Bairro da mesma forma que visita, por exemplo, o Martim Moniz, em grande parte isto é o resultado da abertura materializada através do projeto Sabura. É essa a nossa convicção, que parece ser corroborada pelos dados que a seguir apresentamos.

Este projeto faz parte da estratégia de atuação da ACMJ, enquanto sistema-interventor, no macroprocesso de intervenção social no BACM, enquanto sistema-cliente, para suprir carências, criar condições sociais que permitam aos habitantes exercer os seus direitos (Carmo, 2000), mostrar as suas capacidades e competências, valorizar a sua cultura e também cumprir os seus deveres cívicos.

O que motiva a intervenção no BACM? É maioritariamente de autoconstrução, desordenado, construído pelos portugueses retornados dos PALOP (e outros) que aqui encontraram um local para se estabelecerem a partir da segunda metade da década de 70 do século XX, quando nem o Estado nem a iniciativa privada davam resposta às necessidades de alojamento. O Bairro cresceu fora das regras de planeamento e urbanismo português e em terrenos agrícolas que foram ocupados, pertencentes maioritariamente à família Moura, hoje cobçados e na mira dos promotores imobiliários, e nunca chegou a ser qualificado. Passou ao lado das iniciativas estatais para a erradicação dos bairros degradados, mas foi atingido com as consequências da demolição do Casal Ventoso, ao absorver parte dos vendedores e consumidores de droga que aí operavam, e isso teve um forte impacto negativo na população local. É habitado por uma população carenciada e de baixos rendimentos, maioritariamente africana, e apresenta diversos problemas construtivos e de habitabilidade. O edificado está degradado, necessita de intervenção (o que não é possível fazer porque a entidade licenciadora não emite licenças de obras para este Bairro), faltam ruas internas mais seguras e que permitam o acesso aos meios de socorro, faltam espaços verdes e de lazer, o Bairro está fechado sobre si mesmo, e as manutenções do espaço público não são feitas, o que consubstancia gera questões sociais negativas, pobreza e exclusão, para além de ser terreno fértil para os criminosos e para a criminalidade, e de passar uma imagem negativa à população do exterior do Bairro, causando-lhe repulsa, base para a estigmatização (Santos, 2014).

O projeto Sabura, por via do que representa e do sucesso que alcançou (e do que ainda se espera que alcance), é muito importante na promoção da inclusão social, no combate à imagem de pobreza e ao crime, nas atividades intergeracionais, na transmissão de valores, na participação social das crianças, jovens e idosos na comunidade, e na articulação de processos de inclusão social e de desenvolvimento económico. É também muito importante na formação de capital social, na mitigação de comportamentos de risco e na consolidação de sinergias potenciadoras de desenvolvimento social com base em processos de *empowerment*, capacitando os cidadãos para a responsabilização e a tomada de

decisões (promove o sentido de respeito por si e pelo espaço comum).

A importância deste artigo está no tema e no que este representa -comemoração de uma efeméride: uma década Sabura, bem como na sua originalidade, por ser a primeira vez que se divulga, com base nos resultados apurados da análise das fichas de visita, a caracterização dos visitantes, o tipo de visitas e as suas motivações, e a percepção que os visitantes têm do BACM. Serve, ainda, de esboço para um estudo mais exaustivo para efeitos de observatório social, por extensão da ideia de Carmo (2008), que não só servirá para deixar um legado construtivo passível de aplicação em outras situações, como irá reforçar a sustentabilidade deste projeto no quadro mais abrangente de intervenção social no Bairro, porque a divulgação da informação e das lições recolhidas colabora para a sua melhoria contínua, permite aperfeiçoar percepções e práticas, e gera conhecimento, influenciando o presente e o futuro. Refira-se ainda que, em dez anos de execução, este projeto já deixou uma pegada difícil de sintetizar neste ensaio, condicionados que estamos pela sua dimensão que nos obriga a selecionar a informação mais relevante.

Do ponto de vista estrutural, começamos por aprofundar os três principais conceitos teóricos e por apresentar a ACMJ e a localização do BACM, ao que se segue uma concisa incursão histórica sobre a origem e evolução do projeto Sabura, e de seguida apresentamos e discutimos os resultados das respostas dos visitantes às perguntas da ficha de visita, onde incluímos a sua percepção sobre o Bairro, dos pontos de vista social, cultural, gastronómico, arquitetónico, de segurança e higiene do espaço, e da dinâmica dos espaços de comércio e serviços. Concluímos com um comentário sobre a importância deste projeto para algo mais abrangente, o processo de intervenção social no BACM (sistema-cliente). Todas as figuras e quadros são de autoria própria.

Conceitos fundadores do Projeto Sabura: estigma, *empowerment* e formação de capital social

A população do BACM sente-se socialmente desqualificada tão-somente porque o ambiente social que lhe é próprio, e que caracteriza a sua identidade

social, não é considerado normal ou natural para a restante sociedade. Ou seja, a sociedade desenhou uma construção social onde cabem os cidadãos considerados normais ou naturais, e todos os restantes que têm atributos diferentes, e que por isso estão classificados em categorias diferentes, são considerados estranhos à normalidade e são estigmatizados, o que tem enquadramento na noção de estigma forjada por Erving Goffman (1963), centrada na relação estigma versus estigmatizados, e posteriormente desenvolvida por outros autores (Link & Phelan, 2001). Para tentar mitigar e lidar com a estigmatização e mudar essas ideias pré-concebidas, a população do BACM adota estratégias e faz uso de instrumentos para abrir o espaço ao exterior, de que é exemplo o projeto Sabura, que pretende levar as pessoas a visitar o BACM, para que possam ver, com os seus próprios olhos, que a realidade é diferente para melhor. E não obstante o meio social ser um fator decisivo para a geração e perpetuação do estigma, os resultados que a seguir apresentamos mostram que a estratégia adotada tem dado resultado, uma vez que, no final da visita, quando preenchem as fichas de avaliação da visita, os visitantes procedem a uma categorização diferente dos habitantes do Bairro, sem que os seus atributos se tenham alterado.

O *empowerment*, para além de um conceito polissémico e de difícil tradução, é também uma poderosa ferramenta que visa a capacitação dos indivíduos, permitindo-lhes receber mais poder e responsabilidades e tornando-os capazes de conduzir o seu destino, e também atua como fator crítico de sucesso a médio e longo prazo. Foi assim pensado desde o início, e assim introduzido neste projeto, como um processo social de reconhecimento, promoção e expansão das capacidades dos cidadãos, para que estes consigam aceder à informação e às instituições formais e informais, satisfazer as suas próprias necessidades, resolver os seus próprios problemas, e mobilizar os recursos necessários para alcançar os seus objetivos e controlar as decisões que os afetam. Conceção que, diga-se, foi muito influenciada pela definição institucional de *empowerment* publicada pelo Banco Mundial em 2002, que o explicava como “a expansão dos ativos e capacidades das pessoas pobres para participarem em, negociarem com, influenciarem, controlarem e responsabilizarem as instituições que afetam as suas

vidas” (Narayan, 2002, p. vi, tradução do autor).¹ O que não aconteceu por acaso, uma vez que esta publicação, para além de olhar para os mais pobres como essenciais no processo de redução da pobreza, sugeria mudanças na relação entre estes e os sistemas formais, o que ia no sentido dos anseios dos Covamourenses, que se sentiam emalhadados e impotentes numa cultura de relações institucionais desiguais.

Como seria possível a capacitação no BACM? Por exemplo, um jovem residente vai sentir-se capacitado se, durante uma rusga policial, sentir que foi tratado como um qualquer outro jovem, ou se, quando andar à procura de trabalho, sentir que não foi discriminado na entrevista de seleção profissional; por outro lado, um cidadão de meia-idade, imbuído de um sentimento de culpa e de rejeição, vai sentir-se capacitado se conseguir valorizar o seu potencial pessoal e profissional, bem como os seus traços identitários e culturais, tornando-se assim capaz de lutar pelo seu futuro.

O processo de capacitação dos cidadãos exige oportunidades, mas também exige tempo, o tempo necessário para o exercício de capacidades e direitos e para a aprendizagem de uma nova atitude perante a vida, com mais autonomia de decisão e responsabilidades. No entanto, em produção, o *empowerment* tem dinâmica própria, porque os cidadãos, quando sentem que têm responsabilidades, procuram soluções e tornam-se mais criativos, evoluindo, porque sentem que estão a contribuir para o seu futuro e para a melhoria do futuro do Bairro.

É isto que acontece na Cova da Moura. O projeto Sabura, apesar de contar uma década de história, não é um projeto fechado, muito pelo contrário, continua com grande dinâmica a servir a luta para mitigar os efeitos nefastos da rotulação constante do Bairro como sendo um lugar perigoso, onde florescem o crime, a venda de droga e a prostituição. E isso justifica-se porque a estigmatização sobre o Bairro continua a exercer pressão negativa sobre a população do BACM. Em algumas situações a rotulagem continua a incutir nos moradores alguns sentimentos de culpa e rejeição, que dificultam o processo de *empowerment*, definido num documento de

trabalho da ACMJ, sem autor nem data, como “um processo de indivíduos e grupos locais ou comunidades que vão desenvolver as suas capacidades e vão adquirir o poder de uma participação ativa”. Esse processo visa, sobretudo, dois objetivos, escurados em quatro eixos da aprendizagem social: a comunicação, a reflexão, a ação e a negociação.

Esta conceção de *empowerment* cruza-se diretamente com a capacidade de gerar capital social e, nesse sentido, segundo os próprios residentes, não tem só a ver com o processo de construção e desenvolvimento de capacidades, mas também com problemas estruturais: “a constelação política, a dominância cultural, e as relações sociais”.

A definição de Capital Social, contestada por inúmeros cientistas sociais, em função das variantes de cada área de trabalho, mostra-se igualmente complexa (Whittaker & Holland-Smith, 2014). Para efeitos do projeto Sabura, referimo-nos a redes de relações fundadas na confiança, na cooperação e na inovação, que incentivam a tolerância à diversidade, narrativas partilhadas, a criação e repartição de informação e conhecimento, e o investimento em atividade coletivas, que trazem benefícios comuns, com base em regras e normas de reciprocidade (*brave reciprocity*), que facilitam a ação coordenada, e com sanções comuns, que dão confiança aos indivíduos e melhoram a eficácia da comunidade na solução de problemas que exigem a ação conjunta (Putnam, 1995a, 1995b, 2000; Payne, Moore, Griffis & Autry, 2011). Para que estas redes promovam a qualidade de vida e o desenvolvimento social, naturalmente cada uma delas terá de ser capaz de concretizar as expectativas dos seus membros com recurso ao capital social gerado dentro da própria rede, e é isso que acontece no BACM, onde existe uma rede pública e solidária, de tipo *Bridging Capital*, de abertura entre vários grupos heterogéneos, onde existe a repartição de informação, recursos e oportunidades, importantes na promoção da inclusão social.

Refira-se que, um pouco diferente das condições para a formação de capital social, a capacitação depende das oportunidades e apoios que os cidadãos recebam para o seu crescimento pessoal e profissional. No entanto, ambos têm uma característica em comum que deve ser realçada, que é a sua finalidade: aumentar as

¹ Texto Original: “Empowerment is the expansion of assets and capabilities of poor people to participate in, negotiate with, influence, control, and hold accountable institutions that affect their lives”.

oportunidades de desenvolvimento, melhorar os resultados de desenvolvimento e melhorar a qualidade de vida das pessoas.

As estratégias de *empowerment* e a formação de redes geradoras de capital social são determinantes para promover a equidade e igualdade de oportunidades, a autonomia, o respeito e a generosidade, e apostar na cidadania e na educação para o desenvolvimento sustentável, uma vez que a principal estratégia passa por preparar os cidadãos para que possam determinar o seu destino pelas suas próprias mãos. Os cidadãos são uma peça fundamental neste processo e, sem a sua colaboração voluntária, não existe *empowerment* nem capital social. Este é um processo que vai funcionar em círculo, porque, para além da formação para a capacitação, para o *empowerment*, os cidadãos têm

de estar motivados e querer participar, força que pode ser gerada pelas redes promotoras de capital social.

Bairro do Alto da Cova da Moura (BACM) e Associação Cultural Moinho Da Juventude (ACMJ) – história e contexto

O BACM situa-se na freguesia de Águas Livres (38° 44' 40" de latitude N e 9° 12' 50" de longitude W), na área oriental do concelho da Amadora, nos arredores de Lisboa, em Portugal. É servido por importantes eixos rodoviários, como o IC 19, e por uma densa rede de transportes públicos, nomeadamente a rede de autocarros da Carris que circundam o Bairro, e a linha ferroviária de Sintra (estação de comboio da Damaia), o que lhe proporciona boas acessibilidades para toda a Área Metropolitana de Lisboa (AML) (Figura 1).

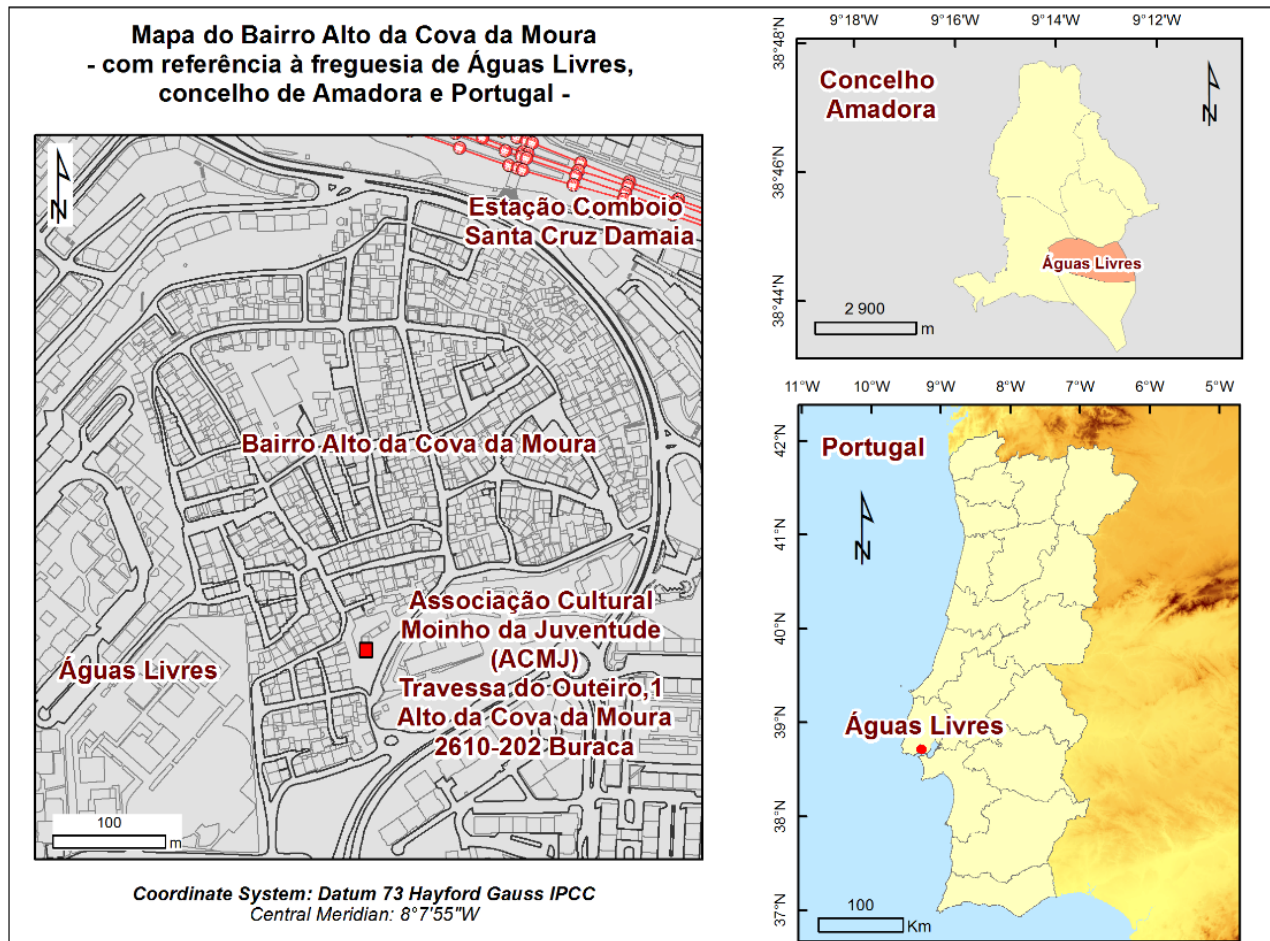


Figura 1: Mapa de localização do BACM e ACMJ, no contexto da Amadora e de Portugal.

É provável, e o mais consentâneo com a lógica, que esta toponímia (Bairro do Alto da Cova da Moura) tenha surgido da ligação feita entre o morro ou elevação (**Alto**) onde se localiza o Bairro, um buraco onde existia uma pedreira (**Cova**), e a família dos Mouras (**Moura**), que terá sido a primeira família a habitar no local, mais especificamente no buraco da pedreira.

Este bairro constituído por construções ilegais nasceu após o 25 de Abril de 1974, com a vinda dos retornados das ex-colónias portuguesas que, após uma curta passagem pelas pensões e albergarias pertencentes ao Instituto de Apoio ao Retorno dos Nacionais (IARN), criado pelo Decreto-Lei n.º 169/75, de 31 de março, ali encontraram um espaço de acolhimento. Anteriormente, este espaço era conhecido por “Morro”, e não era mais do que terra de cultivo, “onde havia numa extremidade uma vacaria, local denominado de Quinta do Outeiro, e noutra extremidade uma pedreira, situada junto à Avenida da República, frente às instalações da empresa (Martins & Almeida, Lda). Havia umas barracas junto à vacaria e umas poucas também junto ao local da pedreira, ocupadas principalmente pela família dos Mouras” (AMBACM, 1997, p. 1). Os terrenos onde está implantado pertencem na maior parte a quatro proprietários, especialmente à família Canas (18.420 ha) e ao Estado.

A ocupação dos terrenos intensifica-se a partir de 1976/77, com a construção de habitações precárias em alvenaria que ao longo do tempo vão sendo melhoradas através da voluntariedade dos vizinhos, num processo designado de “djunta-mó”². Para a maior parte dos ocupantes, o conhecimento da existência destes terrenos deu-se através da informação dada por amigos que moravam perto (sistema de passa a palavra). São três as razões fundamentais que justificam a expansão do Bairro: (i) a localização; (ii) as facilidades de transportes; e (iii) a disponibilidade do terreno, economicamente acessível e desocupado.

² Expressão em crioulo que significa juntar as mãos (em entreajuda), neste caso para construir. Foi com este método, centrado na ajuda de vizinhos, que o Bairro do Alto Cova da Moura foi sendo construído. Enquanto os homens construíam as mulheres preparavam as refeições e os mais novos ajudavam os pedreiros a fazer a massa, a passar o tijolo, etc.

A concentração populacional algo elevada fez sentir a necessidade de criar uma comissão de moradores capaz de lutar pelos interesses dos moradores, especialmente contra o sistemático processo de demolição das novas habitações promovido pela Guarda Nacional Republicana (GNR). A criação da primeira comissão de moradores do BACM aconteceria após o ato eleitoral de 12 de novembro de 1978.

Nessa altura, o perigo das demolições estava controlado, mas a população não se tinha livrado de uma vida demasiado miserável, por carência especialmente sentida, num primeiro momento, ao nível da água canalizada, esgotos, eletricidade, telefones e arruamentos.

A primeira Comissão de Moradores, eleita em 1978, e todas as restantes até 30 de janeiro de 1994, data da constituição e eleição dos primeiros corpos gerentes da atual Associação de Moradores do BACM, trabalharam arduamente junto das instituições públicas e do poder local (juntas de freguesia e Câmara Municipal da Amadora) para conseguirem água e esgotos (1979), eletricidade (1977/78), telefones, arruamentos, escola primária, entre outros benefícios que melhoraram as condições de vida da população. Com estas melhorias, os “residentes sentiram-se mais confiantes no futuro, aumentando e melhorando as suas casas”, e “outros novos moradores foram construindo, a construção aumentou desordenadamente, as Comissões de Moradores de então, e agora a Associação de Moradores, viram-se incapazes de sustentar tal desordenamento, prejudicial para todos, assim chegamos ao que é hoje o Bairro do Alto da Cova da Moura” (AMBACM, 1997, p. 5).

Em novembro de 1982, a Câmara Municipal da Amadora deliberou a municipalização do solo onde está implantado o Bairro, através da sua expropriação para fins de utilidade pública, por verificar que não era possível uma conciliação de interesses dos proprietários dos terrenos com os interesses da população. Até ao momento, tem-se arrastado o processo de recuperação/legalização, sem fim à vista, saindo a população muito prejudicada desta história, quer no domínio do espaço privado, pela impossibilidade de fazer obras de fundo com vista à melhoria das condições de habitabilidade, num património construído que tem

reduzidas condições de salubridade (LNEC, 2008), quer no domínio do espaço público, porque a qualificação do Bairro continua por fazer: há, por um lado, carência de espaços públicos e, por outro lado, sobreocupação habitacional, e existem inúmeras lacunas ao nível das infraestruturas urbanas. O mais recente avanço, a este nível, deu-se no âmbito do programa *Iniciativa Bairros Críticos (IBC)*³, que visa promover alterações efetivas que beneficiem o bem-estar dos residentes e a sustentabilidade do espaço, com resultados e efeitos duradouros.

É um Bairro onde coexistem pessoas de várias origens, culturas e religiões. Embora a maioria da população seja católica, não existe no Bairro nenhuma igreja dedicada a este credo, embora exista uma Mesquita (numa casa adaptada), uma igreja Maná, uma igreja Metodista, e uma igreja Evangélica. Predominam os serviços de proximidade e pessoais, com destaque para os cafés, as mercearias, os restaurantes e os cabeleireiros, quase todos especializados na cultura africana, que traduzem as especialidades locais que podem ser (e estão a ser) valorizadas no âmbito da componente económica e cultural, com capacidade para atrair clientela proveniente do exterior da Cova da Moura (Santos, 2014).

A sociedade é dinâmica, pela diversidade de pensamento e pluralidade de interesses, e não existe uma receita única para a sua organização e funcionamento. Com o objetivo de melhorar a qualidade de vida da população, surgiram no Bairro várias instituições, cujos fins se complementam. Uma dessas instituições, talvez a que tem maior obra e maior visibilidade mediática, é a ACMJ, promotora de diversos projetos de intervenção social no BACM, incluindo do projeto Sabura, quadro analítico central neste ensaio. Já muito se escreveu sobre esta Associação, por isso vamos fazer uma concisa apresentação histórica, remetendo para Santos (2014, p. 133-137), para o site institucional da ACMJ⁴, e para o livro *Uma Jornada de inquietude. Uma jornada de capacitação*, de sua autoria.

³ Tem como objetivo o desenvolvimento de soluções de qualificação de territórios urbanos que apresentam fatores de vulnerabilidade crítica, através de intervenções socioterritoriais integradas.

⁴ Disponível em: <http://moinhodajuventude.pt/index.php/pt/>. Acedido em: 4 abril 2015.

O movimento associativo que viria a ser a base estrutural para a constituição da ACMJ iniciou-se em 1 de novembro de 1984, quando “os moradores da Quinta do Outeiro [agora designada Cova da Moura] se reuniram e definiram um plano para conseguir a instalação de água e esgotos para 900 moradores da Cova da Moura. Os primeiros passos foram pensados num sótão e a seguir numa casa abarracada, na Rua de São Tomé” (ACMJ, 2010, p. 4). Os moradores, que tinham um problema comum, perceberam que só pela ação conjunta conseguiriam chamar a atenção do poder político, e assim consolidar a sua ação e aproximar-se dos seus objetivos (Santos, 2014). Uniram-se com a intenção de atingir um objetivo comum: tornar mais digna a vida no Bairro. Deste grupo faziam parte Eduardo Pontes (açoriano) e sua esposa, Godelieve Meersschaert, psicóloga de nacionalidade belga, que tinham vindo residir para o Bairro em 1982.

Em 1985, segundo consta, o Bairro já dispunha de uma biblioteca (“O Moinho”) que contava com 700 leitores. Fora criada por esse grupo de moradores (que se tinha formado no ano anterior) para melhorar a vida das crianças do Bairro.

Os moradores tinham como prioridade lutar pelo saneamento básico e realizar um trabalho informal de animação das crianças do Bairro, através da biblioteca “O Moinho”, mas logo se “juntaram ao grupo inúmeras empregadas domésticas, que exigiam melhores condições de trabalho e de vida e que queriam reunir-se com o Sindicato do Serviço doméstico para lutar por essas causas” (ACMJ, 2010, p. 4).

Estes foram passos importantes, cujos resultados chegaram até hoje, e daqui resultou a constituição oficial da ACMJ, por escritura pública, em 1987. Posteriormente, em 1989 a Associação foi reconhecida como IPSS e em 2010 foi reconhecida como ONGD, assumindo-se hoje como um Projeto Comunitário.

A ACMJ beneficia hoje em dia do conhecimento adquirido ao longo dos anos, e também da manifesta capacidade de ultrapassar conflitos e de trabalhar em “djunta-mó”, contando com a criatividade e o empenho de todos para reforçar os doze objetivos orientadores da sua atuação, a que chamou “Traves Mestras” (Santos, 2014). Mostra vontade de trilhar um caminho sólido e positivo, que requer muita reflexão e ousadia.

Apesar dos esforços das várias entidades sem fins lucrativos presentes no Bairro e da luta dos seus habitantes na preservação da identidade (pelas mostras de singularidade urbana e cultural), não é possível saber qual vai ser o futuro deste espaço de construções ilegais face à especulação imobiliária que sobre ele pende. Não obstante, há um elemento inegável. Face ao crescente de propostas de intervenções urbanísticas roazes do tecido urbano mais genuíno em Lisboa (sem relação com a cultura arquitetónica e urbanística da zona de implantação dos edifícios a intervir), o BACM pode vir a entrar no grupo restrito de bairros únicos e originais da AML, com traços culturais, históricos e tradições únicas.

Projeto Sabura: origem e evolução. Uma abordagem resumida

O Projeto Sabura: Vem descobrir África aqui tão perto, comumente conhecido por Sabura, e doravante assim designado, começou a ser delineado no segundo semestre de 2003, contando com o financiamento principal do Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, I.P. (ACIDI), que entretanto foi extinto e substituído pelo Alto Comissariado para as Migrações, I.P. (ACM). Foi lançado em janeiro de 2004, sob o lema “Aqui, um outro mundo é possível, se a gente quiser!”. As primeiras visitas organizadas de acordo com este novo modelo tiveram lugar no final de março e início de abril de 2004, com participação maioritária de elementos da comunicação social.

O projeto era ambicioso, mas tinha objetivos simples: por um lado, promover a abertura ao exterior, desconstruindo a imagem negativa que algumas vezes era difundida pela comunicação social, e que representava acontecimentos pontuais e não fraturantes, portanto, nascia de um equívoco que manchava a realidade do quotidiano do Bairro e era altamente ostracizadora para a população que o habitava. Fazia-se isto mostrando o património cultural e humano do Bairro, e a sua riqueza e integração na comunidade alargada onde está inserido. Por outro lado, dinamizar a atividade económica do Bairro, promovendo a sua especificidade cultural e potenciando o seu autossustento. De forma mais lata, visava potencializar as competências dos moradores; divulgar os aspetos positivos da Cova da Moura e dos seus moradores; proporcionar aos filhos, amigos, interessados, visitantes, a descoberta do povo/cultura/ gastronomia/ usos

e tradições das terras de origem dos moradores; e dinamizar a atividade económica do Bairro.

Não obstante, a ACMJ já recebia visitas de estudantes de instituições de ensino, nacionais e internacionais, especialmente da Europa e de África, desde a década de 1980, e na década seguinte foi ainda mais arrojada, ao desenvolver contactos sob a forma de visitas abertas a grupos de particulares, escolas, associações e outras organizações que mostravam interesse em conhecer o Bairro e os projetos aí desenvolvidos. Os passeios de domingo iniciados em 1992 e subordinados ao tema “Descobrir África na Cova da Moura” são exemplo desse empreendedorismo atrevido, mas saudável, da ACMJ. O mesmo se pode dizer da Gincana Virtual, iniciativa que teve início em 2000, por ocasião do aniversário da ACMJ, e que visava desafiar as pessoas a conhecer melhor o Bairro.

Importa, então, responder a uma questão: se já se realizavam visitas à ACMJ e ao BACM, pelo menos desde os anos 80 do século XX, porquê todo o aparato em termos mediáticos em torno do Sabura, quase duas décadas depois, em 2004, quando este não correspondia propriamente a uma ideia nova? A resposta é simples: porque a ACMJ percebeu que poderia fazer evoluir a ideia existente, não organizada, e concretizá-la através de um projeto estruturado e eficaz de turismo étnico, à semelhança de outros projetos desenvolvidos em bairros sociais, capaz de estimular as atividades económicas, sobretudo as comerciais, reforçar a cultura e a arte, de proporcionar oportunidades para descobrir as potencialidades e as mais-valias do Bairro, e de promover na opinião pública uma ideia positiva sobre o Bairro e os seus moradores.

Coloca-se uma segunda questão, que se pode subdividir em duas questões:

- 1) Em que altura ou situação a ACMJ se apercebeu desta oportunidade? Foi em 26/08/2003, quando várias pessoas dentro da ACMJ, inclusive a Godelieve Meersschaert, sua cofundadora, leram um artigo publicado no Jornal Diário de Notícias, da autoria de Isabelle Wesselingh (2003), com o título *Turismo étnico reabilita guetos*, que versava sobre uma iniciativa semelhante desenvolvida em Haia, na Holanda.
- 2) O que de importante era referido nesta notícia? Duas ideias principais: que este tipo de projeto dá

“um impulso económico ao Bairro e aos seus comerciantes”, ou seja, serve mais para estimular a economia pela oferta multicultural do que por questões étnicas, e contribui “para uma mudança de imagem, mostrando o lado positivo e não unicamente a violência e a pobreza”, isto é, para a abertura ao exterior através de “excursões multiculturais”, expressão utilizada pela própria autora (Wesselingh, 2003).

Convém referir que, aquando da publicação desse artigo, vivia-se na ACMJ um clima encorajador, de prosperidade, pelo que, sem negar a sua importância (do artigo), temos de realçar outros acontecimentos fraturantes que, ainda que indiretamente, colaboraram para a génese do Sabura, e de entre os quais destacamos: o documentário “Mulheres de Batuque” (1997) de Catarina Rodrigues, a Gincana Virtual de 01/11/2000, o Passeio Filosófico, a visita da ONG Peace Boat (Bola de Paz), a elaboração do calendário da ACMJ para 2004, e o processo de comercialização do Chá da Ribeira e da Tintura dos Pepinos de São Gregório (dois produtos que nascem de forma natural no Bairro e contribuem para o alívio das dores e o bem-estar).

Falta ainda responder a uma terceira questão: porquê a designação “Sabura”? Trata-se de uma expressão crioula que significa “saborear” ou “apreciar aquilo que é bom saborear”, referindo-se também ao “momento ou atividade que dá prazer ou alegria”. Remetem para o quanto é “sabura” as visitas aos restaurantes, às mercearias, cabeleireiros e cafés, e os produtos oferecidos pelos vendedores de rua (ex. como as espigas de milho verde assado). Denominar este projeto de “Sabura” é uma mais-valia pela adequação à essência da visita, tanto em termos de conteúdo, como em termos de simbologia. E, como veremos a seguir, quando apresentarmos o quadro sinótico dos dados estatísticos da última década, cada vez mais pessoas desfrutam do Sabura: Roteiro das Ilhas, tornando-o numa referência nacional, já conhecida em muitos países europeus, africanos e sul-americanos.

E isto remete-nos para uma quarta e última questão: por que razão o projeto Sabura elege as referências cabo-verdianas (“Sabura: Roteiro das Ilhas”) e qual o espaço concedido para outras culturas que coexistem no Bairro no âmbito do projeto? O projeto foca a cultura cabo-verdiana porque é a mais representativa no Bairro, e por esse motivo há mais conteúdo para oferecer em bens e serviços

coétnicos, ou seja, em produtos e serviços especializados que se direcionam a populações migrantes (e outras), que se deslocam ao Bairro propositadamente para os adquirirem. Um outro elemento que não poderíamos deixar de referir é o facto de os elementos que constituem a ACMJ serem maioritariamente cabo-verdianos, o que poderia de alguma forma, mesmo que inconscientemente, ter direcionado o projeto em termos de título, mas nunca em termos de ideologia ou conteúdo. As restantes culturas têm igualmente espaço e algumas delas estão mesmo representadas por vários parceiros comerciais do projeto. Veja-se, por exemplo, a Mercearia Mumini, explorada pelo Sr. Mumine Djaló, cujos produtos comercializados têm origem na Guiné Bissau.

Em 24 de junho de 2006, por ocasião da festa do Kola San Jon, inaugurou-se o Roteiro das Ilhas, no quadro do projeto Sabura - percursos guiados pela Cova da Moura. Este evento coincidiu com a realização do Congresso de Zona do Programa de Iniciativa Comunitária URBAN II – Amadora (Damaia/Buraca), subordinado ao tema: “uma cidade à escala das pessoas”, no qual participaram diversos elementos da ACMJ com comunicações alusivas ao sociocultural.

O Roteiro das Ilhas, através de visitas guiadas, reforça os propósitos do projeto Sabura e amplia a capacidade de divulgar uma melhor imagem do Bairro, onde se mostra a cultura e a vivência do Bairro e dos seus moradores, nomeadamente o empreendedorismo presente na diversa oferta comercial de produtos e serviços coétnicos (cabeleireiros, restaurantes e mercearias), as construções realizadas no “djunta-mó”, em estágios de construção diferenciados e com particularidades arquitetónicas únicas (que decorrem do sistema de autoconstrução), a literatura e a sua divulgação pelas crianças e jovens, os grafites e danças africanas contemporâneas, entre outros.

Talvez devido ao receio de problemas de segurança, durante os primeiros cinco anos de existência do projeto Sabura, o itinerário da visita guiada dentro do Bairro manteve-se quase inalterado. Procurava-se sempre conduzir a visita pelo maior número possível de estabelecimentos e, simultaneamente, evitar a passagem por locais perigosos. Apresenta-se a seguir aquele que foi durante muito tempo o percurso mais conhecido e que ainda hoje se realiza (Figura 2).



Figura 2: Percurso inicial do Sabura – visitas guiadas à Cova da Moura.

Com o evoluir do projeto e o aumento do nível de segurança dentro do Bairro, surgiram mais opções de divertimento, tanto na oferta de produtos e serviços, como na oferta de roteiros diferentes. Passaram então a existir várias possibilidades, inclusive visitas personalizadas, criadas totalmente de acordo com o solicitado pelo visitante. O Sabura tornou-se um produto vivo e completo, extremamente flexível e direcionado às necessidades dos visitantes, mas que não vive por si, isoladamente, antes depende da sociabilidade.

No final de 2006, numa altura em que já tinha sido apurada a capacidade instalada ao nível dos restaurantes e já era possível fazer a calendarização das atividades realizáveis, com base na oferta dos residentes e da procura dos visitantes e de acordo com as características de cada um dos espaços de comércio e serviços, o projeto atingiu o pleno funcionamento, próximo do modelo atual. Nessa altura também já tinha sido possível normalizar questões como a realização das placas identificativas e dos cartões-de-visita de restaurantes, cabeleiros e mercearias, fazer a descrição dos pratos típicos oferecidos por cada restaurante e definir as respetivas ementas, proceder à catalogação do tipo de cortes de cabelos e penteados oferecidos pelos cabeleiros, e organizar os dossiês dos restaurantes, entre outras ações. A seguir consta alguma da arte gráfica produzida, inclusive a estrutura detalhada do roteiro, que ainda hoje se mantém.



Figura 3: Cartões-de-visita – restaurante Coqueiro e Cabeleireiro Neusa (2006).

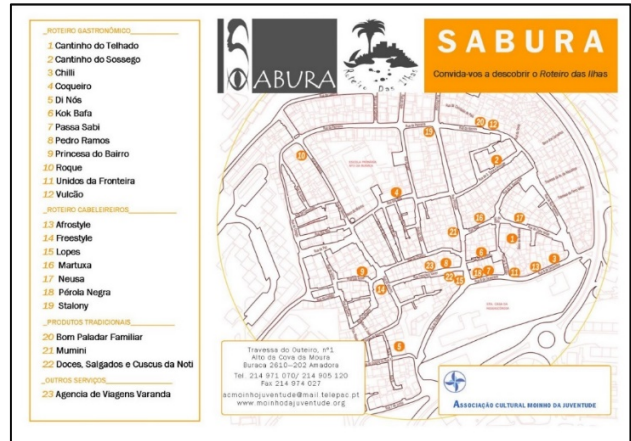


Figura 4: Mapa – Sabura: roteiro das ilhas (2006).

Este foi um processo bastante longo e moroso, que não é de todo possível resumir neste artigo, sob pena de se cair em parcialidades falaciosas, visto tratar-se de um processo que só por si suportava um artigo. O mais importante será enfatizar que as soluções encontradas resultaram de discussões acesas e construtivas entre representantes da ACMJ, comerciantes e alguns residentes (intervinham como *stakeholders*), com cedências de ambas as partes, que no final encontraram pontos em comum.

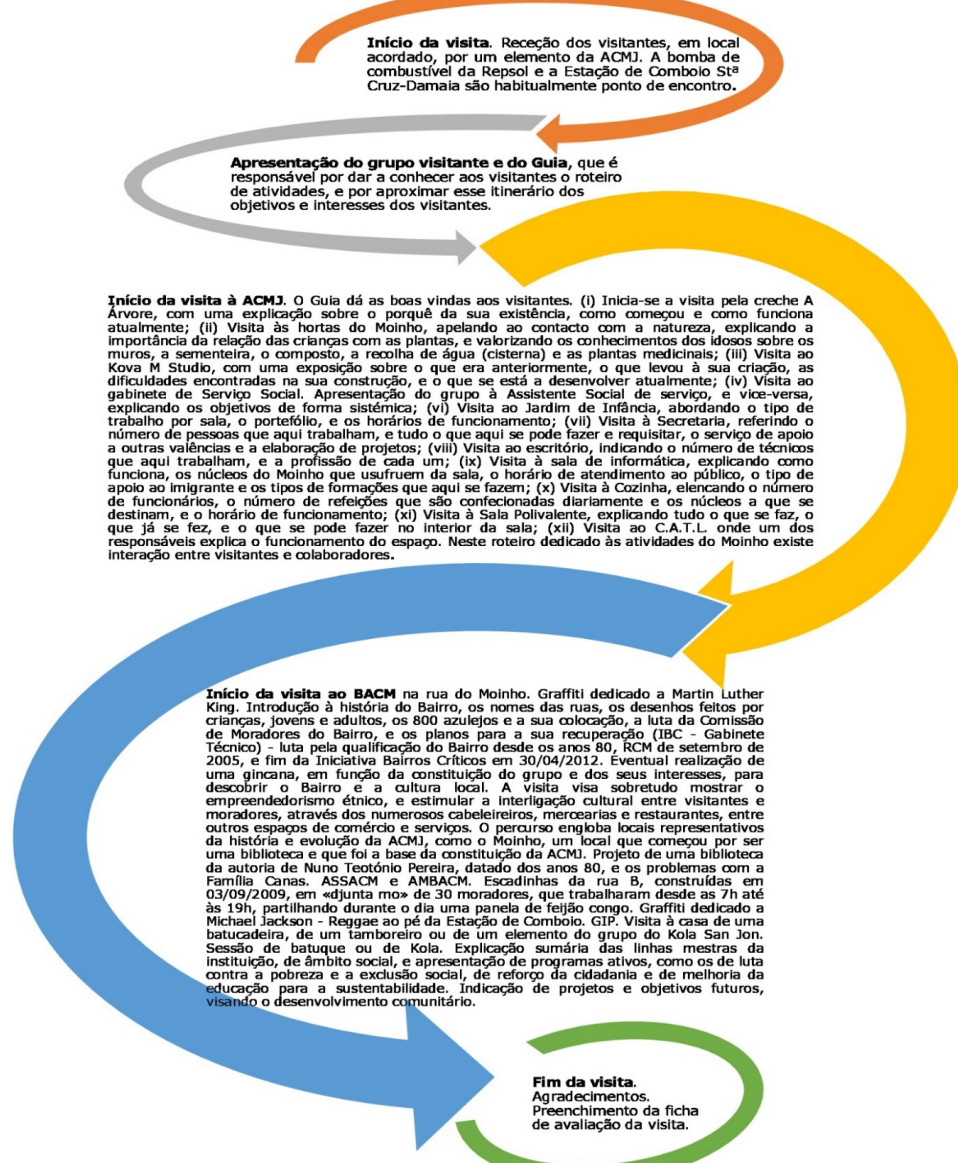
Em julho e agosto de 2010, pouco antes da introdução do “modelo novo” de ficha de visita do Sabura, que serviu de base à avaliação pormenorizada que realizamos no tópico seguinte, procedeu-se à elaboração, aprovação e assinatura do *Regulamento Geral* que rege a parceria entre os proprietários dos espaços comerciais e a ACMJ, responsável pela execução do projeto Sabura no BACM. Formalizou-se assim uma relação já antiga, uma vez que as visitas guiadas tinham começado no início de 1980, ainda que, no âmbito do Projeto Sabura, só tenham iniciado em março de 2004. Este regulamento aplica-se aos estabelecimentos comerciais de produtos coétnicos presentes no BACM, vincula a relação entre as partes e define direitos e deveres.

O preâmbulo do *Regulamento Geral* é mais uma vez elucidativo dos objetivos do projeto Sabura: primeiro, a questão económica, segundo, a abertura ao exterior. Nele se pode ler que o Sabura: Roteiro das Ilhas pretende dinamizar a atividade económica do Bairro, promovendo a sua especificidade cultural, e proporcionar uma afirmação da população do Bairro face ao mundo exterior, o que implica um processo de reflexividade cultural assente em processos de *empowerment*, mas sempre associados a uma integração da dinâmica económica, através da manutenção de uma atividade comercial própria e que potencie o autossustento. Estamos, portanto, ao nível da mercadorização da etnicidade, aquela que se vende, ou, se preferirmos, da “eticidade permitida”, de que nos fala Wacquant (2013).

O preâmbulo termina reforçando a questão da abertura ao exterior, ao referir que o projeto Sabura funciona como elemento de (re)construção de imagem para o exterior, abrindo o Bairro aos visitantes, mas também procura ser um elemento de construção de referências para o interior, valorizando a autoestima identitária dos próprios habitantes do Bairro, ao dar relevo a todo o património cultural que com estes viajou desde os seus países de origem.

Para concluirmos este percurso, que fizemos sem esgotar o tema, importa referir a comemoração dos 10 anos do projeto Sabura, efeméride que ocorreu nos dias 31 de outubro de 2014 e 1 de novembro 2014.

Figura 5. Estrutura da visita à ACMJ e ao BACM, no âmbito do projeto Sabura, com os efeitos produzidos pela inauguração do Roteiro das Ilhas, em 24 de junho de 2006.



Projeto Sabura: nota metodológica. Apresentação e discussão dos resultados. Uma abordagem resumida

Do ponto de vista metodológico, e como referimos anteriormente, no decorrer da implementação do projeto Sabura foi concebido um modelo de ficha de avaliação da visita guiada, cujo guião foi estruturado em três áreas: (i) estrutura da visita; (ii) prestação do guia; e (iii) condições do bairro. A cada um dos visitantes, no final da visita, é pedido que preencha a ficha de visita. São esses resultados que divulgamos e analisamos neste artigo, numa perspetiva sobretudo quantitativa, que oferece validade interpretativa.

Convém referir que o modelo de ficha de visita foi sucessivamente melhorado entre março/abril de 2004 e 31/05/2014, mas existem dois momentos de grandes alterações, no ano de 2007, altura em que uma parte substancial das questões, até então abertas, passou a ser fechada, e em julho e agosto de 2010, altura em que foi introduzida a base estrutural da ficha de visita ainda hoje utilizada. Estas alterações de grande porte, e outras mais pequenas e mais frequentes, obrigaram a procedimentos de normalização prévios à inserção dos dados em base de dados, que, pela dimensão e complexidade, não é aqui possível detalhar. Consta, no entanto, dos serviços da ACMJ, e está disponível ao público, bastando para isso contactar essa Associação. Uma outra grande alteração à estrutura da ficha de visita entrou em vigor a 01/06/2014, e obrigou à criação de nova base de dados para registo da informação, motivo pelo qual a nossa análise termina a 31/05/2014.

Refira-se ainda que as fichas de visita agora analisadas não representam todo o universo de visitantes, mas apenas todo o universo das fichas de visita respondidas e arquivadas na Biblioteca da ACMJ. Ou seja, não mensuramos as visitas em que não houve preenchimento da respetiva ficha, e foram muitas, nomeadamente com individualidades que visitaram o Bairro, mas também com entidades nacionais e internacionais. É disso exemplo as vistas do Embaixador de Cabo Verde em Lisboa, do Embaixador da Bélgica em Lisboa, do Presidente da República Portuguesa, do Primeiro-Ministro e do Presidente da República de Cabo Verde, entre outras figuras públicas e particulares que não foram registadas.

No que se refere aos resultados, no período acima referido, realizaram-se 4505 visitas guiadas ao Bairro, sempre numa tendência crescente e sustentada (Figura 6).

Note-se que o decréscimo de visitas verificado em 2013 (369) foi um caso isolado e já foi compensado em 2014, ano em que, segundo os dados provisórios até 31 de dezembro terá havido cerca de 500 visitas.

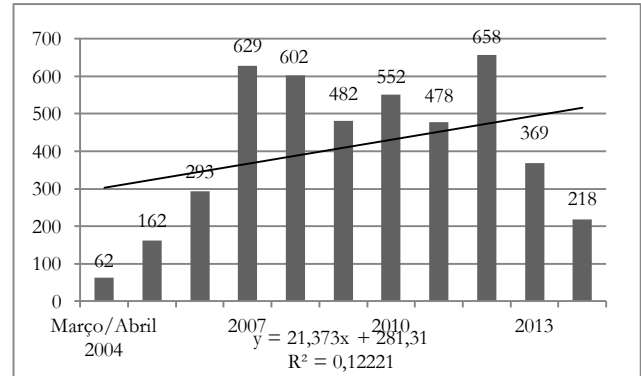


Figura 6: Número de visitantes, por ano.

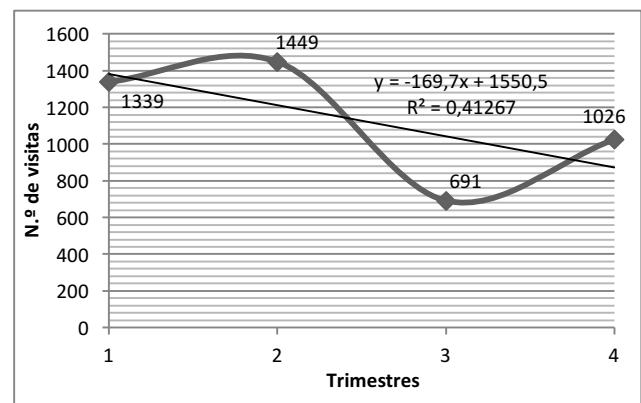


Figura 7: Número de visitantes, por trimestre.

Nota: somou-se o total de cada um dos trimestres para cada um dos anos, entre 2004 e 2014.

De todas as visitas realizadas, cerca 62% ocorreram nos dois primeiros trimestres do ano civil, o que se pode justificar por motivos escolares e académicos (coincidência com o final do segundo e início do terceiro período, altura em que o clima fica mais agradável), mas também, ainda que em menor medida, por motivos profissionais, pessoais e institucionais. O segundo trimestre foi o que registou maior número de visitas, em situação diametralmente oposta ao verificado no terceiro trimestre (Figura 7).

Não obstante a grande diversidade etária dos visitantes, são os jovens que mais visitam o Bairro. De acordo com os registos, o visitante mais novo tinha 13 anos e o mais velho 78 anos. É possível identificar uma unidade bem definida, entre os 15 e os 25 anos, o que dá credibilidade à constatação de que se destacam em número os visitantes estudantes do ensino secundário e universitário e os investigadores.

Para além da diversidade etária assinalada, o universo dos visitantes caracteriza-se também por uma grande

diversidade em termos de nacionalidades. Não podemos deixar de notar que visitaram o Bairro indivíduos de mais de 50 nacionalidades, destacando-se os de nacionalidade portuguesa ($\Sigma 3426 - 76,05\%$), e logo a seguir os belgas ($\Sigma 221 - 4,91\%$), alemães ($\Sigma 171 - 3,80\%$), franceses ($\Sigma 73 - 1,62\%$), romenos ($\Sigma 65 - 1,44\%$), angolanos ($\Sigma 63 - 1,40\%$), cabo-verdianos ($\Sigma 60 - 1,33\%$), brasileiros ($\Sigma 49 - 1,09\%$), italianos ($\Sigma 46 - 1,02\%$), entre outros.

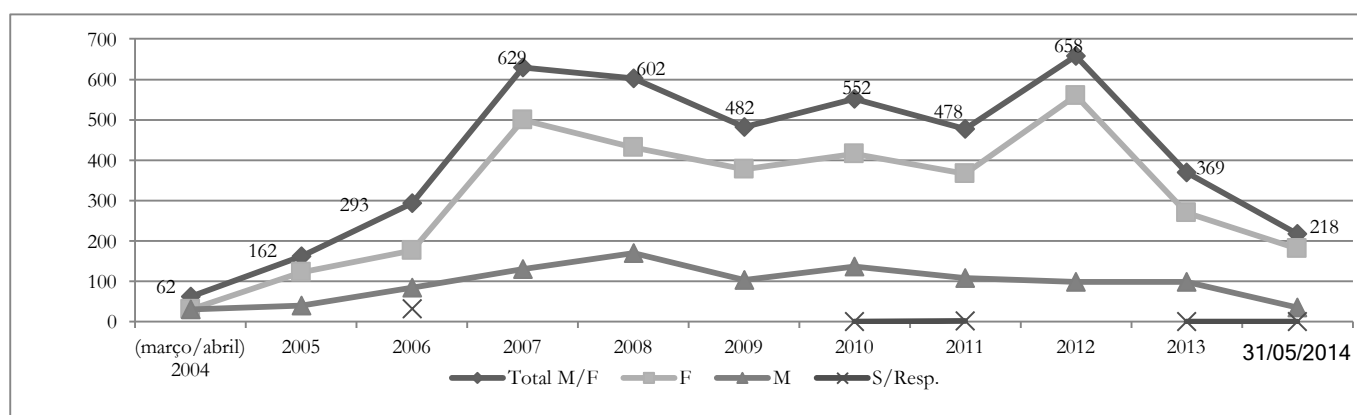


Figura 8: Número de visitantes, por ano e sexo.

Tabela 1

Frequências (absolutas /relativas) do número de visitantes, por ano e sexo

Ano	Feminino (F)		Masculino (M)		S/Resp.		Total Geral M/F / S/Resp.	
	Nº Visitas	fri	fri	fri	fri	fri	fri	fri
	fi	fri	fi	fri	fi	fri	fi	fri
	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Freq. Abs.	Freq. Rel.	Freq. Abs.	Freq. Rel.
(março/abril) 2004	31	0,69%	31	0,69%	0	0,00%	62	1,38%
2005	122	2,71%	40	0,89%	0	0,00%	162	3,60%
2006	176	3,91%	84	1,86%	33	0,73%	293	6,50%
2007	499	11,08%	130	2,89%	0	0,00%	629	13,96%
2008	432	9,59%	170	3,77%	0	0,00%	602	13,36%
2009	378	8,39%	104	2,31%	0	0,00%	482	10,70%
2010	415	9,21%	136	3,02%	1	0,02%	552	12,25%
2011	367	8,15%	109	2,42%	2	0,04%	478	10,61%
2012	559	12,41%	99	2,20%	0	0,00%	658	14,61%
2013	270	5,99%	98	2,18%	1	0,02%	369	8,19%
31/05/2014	181	4,02%	36	0,80%	1	0,02%	218	4,84%
SOMATÓRIO	3430	76,14%	1037	23,02%	38	0,84%	4505	100,00%

Os visitantes que preencheram a ficha de visita são majoritariamente do sexo feminino: 3.430 (76,14%) contra 1.037 (23,02%) do sexo masculino. Só 38 visitantes, que representam 0,84%, não responderam a esta questão (Figura 8 e Tabela 1), e destes, 23 (0,51%) não indicaram o sexo por opção, e 15 (0,33%) não responderam porque a ficha de visita não comportar esta opção devido a uma falha de impressão.

A seguir analisamos as respostas dos visitantes sobre o viveram no Bairro com base nas 2059 fichas (de um total de 4.505) referentes às visitas realizadas nos últimos quatro anos (entre 2010 e 2014). As fichas mais antigas, num total de 2446, referem-se a visitas guiadas realizadas entre março/abril de 2004 e início de 2010 e não indagavam sobre estas questões. Nota-se uma exceção: no caso da variável “Bairro: boa limpeza pública”, são 2463 as fichas de visita que não dispunham desta opção de resposta (Tabela 2).

Em termos gerais, sobressai a apreciação menos favorável das variáveis: “Bairro: casas e espaços cuidados”, “Bairro: boa limpeza pública” e “Bairro: seguro”, bem como o elevado número de visitantes que optou por não responder à questão: “Bairro: boa gastronomia”. Neste caso, porém, existe uma justificação lógica: trata-se de visitantes que não desfrutaram da gastronomia (não petiscaram, almoçaram ou jantaram) aquando da visita guiada ao BACM, o que acontece por duas situações: (i) o tempo destinado à visita não permite o repasto; (ii) os visitantes não têm dinheiro para fazer a refeição e optam por levar a comida. Pode também acontecer que, num mesmo grupo de visitantes, alguns levam a comida e outros tomam a refeição no Bairro (esta situação foi detetada só em grupos de estudantes).

Salientamos, no entanto, que não estão reunidas as condições necessárias para validarmos a informação da variável “Bairro: boa gastronomia”, porque os modelos de ficha de visita aplicados até 31/05/2014 não diferenciavam os visitantes que tinham uma refeição no Bairro dos que optavam por não ter essa refeição. No entanto, ficamos com a sensação de que os visitantes apreciam a cozinha cabo-verdiana e nela encontram algo distintivo em relação ao que é oferecido nos restaurantes fora do Bairro. Pode ser por causa do espaço, da sua decoração, da qualidade da comida, do sabor dos ingredientes ou, ainda, da melhor relação entre preço e qualidade. Note-se que a comida africana é um

universo amplo e fascinante que passa pelos ingredientes, utensílios, sabores e saberes de quem a confeciona.

A questão “Bairro: seguro”, central para o processo de abertura do Bairro ao exterior, e importante para a mudança de paradigma, surge no quarto lugar da pior classificação. Não é possível negar que ainda existe muito a fazer para melhorar a segurança do Bairro, mas os resultados apurados são otimistas. Se outrora o Bairro era tido como “mal frequentado” e “perigoso”, um local de “pouco interesse”, que gerava “repulsa”, hoje em dia, é percecionado como um espaço “culturalmente rico”, “visitável” e “atrativo”, se tivermos em conta as respostas dos visitantes que, não sendo ótimas, exibem uma clara tendência positiva.

Destacam-se as respostas majoritariamente positivas à questão: “Bairro: com cultura rica”, mas temos a consciência de que é necessário melhorar, uma vez que 86 visitantes ainda responderam com as pontuações 1 e 2. Não podemos negligenciar que a riqueza étnica e cultural dos habitantes e do Bairro é estrutural ao projeto Sabura. Entende-se como “cultura rica”, e é assim que foi considerada, o conjunto das estruturas sociais e das manifestações artísticas qualificadas, próprias dos habitantes da Cova da Moura, em relação a outros. Esta definição incorpora costumes, hábitos, tradições, conhecimento, saber, crenças partilhadas, normas e valores, que se consubstanciam num código de comportamento e na coesão no interior do Bairro. Esta questão é muito importante para perceber se os visitantes encontram elementos distintivos na singularidade cultural e étnica deste espaço, e, em caso afirmativo, como os qualificam. Ficamos convencidos de que a resposta é afirmativa. Note-se que é esta singularidade - étnica e cultural - que suporta a existência do projeto Sabura.

A questão “Bairro: habitantes simpáticos” foi a que teve mais respostas classificadas em 5, o que é positivo, porque acreditamos que “simpatia gera simpatia”. É isso que os resultados expressam. O bem-estar humano está diretamente relacionado com aquilo que somos e fazemos, e mostrar simpatia aos visitantes, para além de um sinal ancestral de boa educação e respeito pelos outros, é reforçar o potencial cultural e os traços étnicos que caracterizam as gentes do Bairro. Ademais, a experiência do quotidiano no Bairro diz-nos que a simpatia é a primeira porta para chegar aos visitantes, no retraimento normal que caracteriza a primeira visita ao Bairro, ao que se segue o dar mostras,

pelos residentes, do seu dia-a-dia real, criando uma base sólida e duradora de altruísmo recíproco.

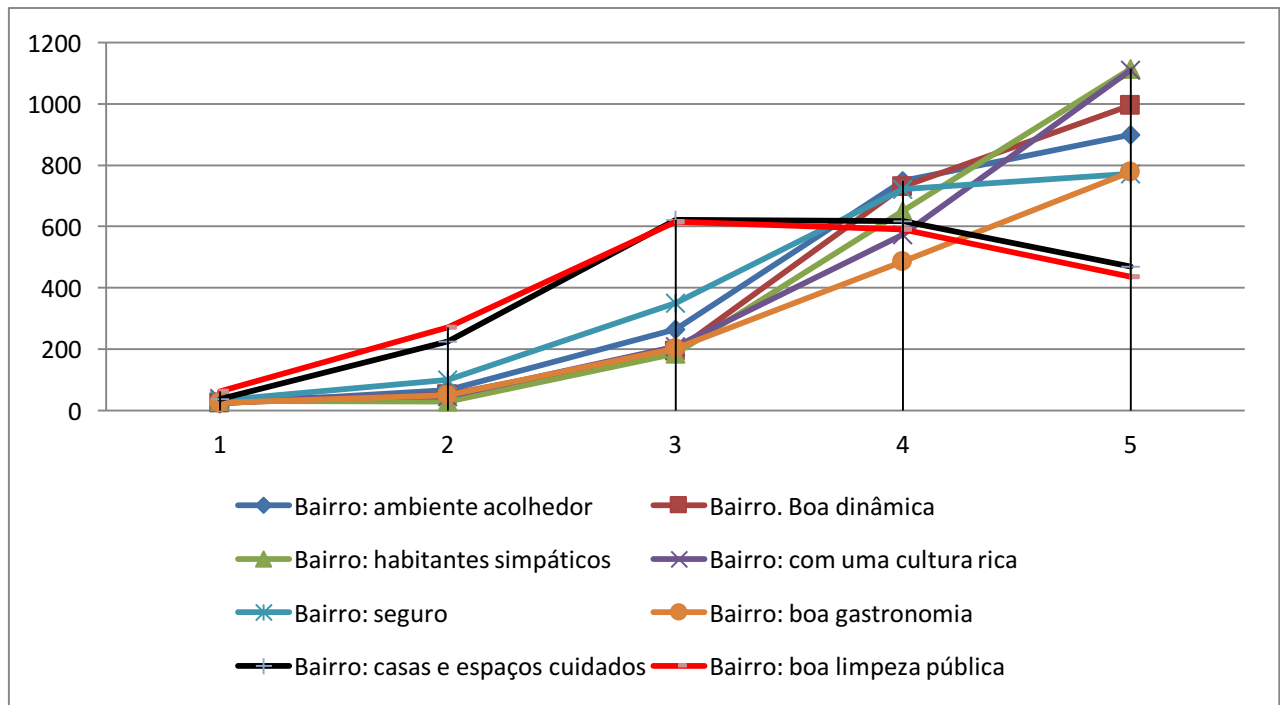


Figura 9: Resumo das respostas dos visitantes a todas as questões sobre o Bairro, com base na escala tipo Likert, de 0 a 5, em que 0 é muito negativo e 5 muito positivo.

Em jeito de discussão, importa salientar que estes dados, que refletem a opinião dos visitantes sobre o que viveram e sentiram dentro do Bairro, dão-nos conta de uma realidade há muito anunciada, e agora comprovada estatisticamente, de que o Bairro causa cada vez menos repulsa, especialmente a quem o visita, nomeadamente aos elementos do sexo feminino, apesar de muitas vezes ser notícia por razões que não são das melhores.

Nos comentários qualitativos, do ponto de vista social, cultural, gastronómico, arquitetónico, de segurança e higiene do espaço, e da dinâmica dos espaços de comércio e serviços, anteriormente sintetizados em gráfico (Figura 9), o Bairro é genericamente classificado como um local socializável, habitável e visitável, o que é significativo.

E porque este espaço não é uma ilha, e muito menos os visitantes estão aprisionados dentro dessa ilha, perante tal evolução, é de pressupor que na comunidade envolvente se vá criando cada vez mais confiança no Bairro e nas suas gentes. E por mais que se diga que os visitantes são à partida os que demonstram maior abertura e vontade de conhecer este espaço, e por aí tenha decorrido alguma simpatia extra nas respostas, ou que se refutem os dados, dizendo que não é possível tirar conclusões antes de conhecer as representações sociais do Bairro em quem ainda não o visitou, existe um meio-termo, um ponto de honra já conquistado, que, no mínimo, nos permite falar de um caminho lento mas de sucesso.

Esta é uma primeira análise cuidadosa sobre este assunto, que apesar de concisa é muito importante para perceber como os visitantes, tanto nacionais como estrangeiros, pensam o Bairro nas diversas perspetivas. Note-se que a abertura do Bairro ao exterior é um dos objetivos do projeto Sabura, a par da autossuficiência económica, pelo que esta informação é extremamente importante para perceber se o projeto Sabura está a ir ao encontro do pretendido ou, pelo contrário, carece de reajustes.

Tabela 2

Resumo das respostas dos visitantes a todas as questões sobre o Bairro, com base na escala tipo Likert, de 0 a 5, e considerando as respostas “N/Aplicável” e “S/Resp.”

	Respostas oferecidas pelos visitantes					N/Aplic.	S/Resp.
	1	2	3	4	5		
Bairro: ambiente acolhedor	23	67	265	750	900	2.446	54
Bairro: boa dinâmica	24	51	193	731	995	2.446	65
Bairro: habitantes simpáticos	31	28	185	651	1.114	2.446	50
Bairro: com uma cultura rica	40	46	208	574	1.110	2.446	81
Bairro: seguro	32	100	350	721	771	2.446	85
Bairro: boa gastronomia	25	50	203	486	779	2.446	516
Bairro: casas e espaços cuidados	38	225	621	617	470	2.446	88
Bairro: boa limpeza pública	62	270	615	591	436	2.463	68
Total	275	837	2.640	5.121	6.575	19.585	1.007

Considerações finais

Nos últimos vinte anos do século XX, registaram-se fortes mudanças nas dinâmicas sociais, não só devido à mundialização da economia e à diversificação de culturas e modos de vida, mas também em consequência das crises urbanas que ocorreram sobretudo nos bairros mais degradados, especialmente na periferia de Lisboa, e na Cova da Moura, espaço onde a evolução social funcionou como um “caldo de cultura” (Carmo, 2000, p. 59).

Após um período inicial de luta individual, os habitantes do BACM formaram um grupo que viria a constituir-se formalmente na ACMJ, com o objetivo de lutar em conjunto pelos seus mais elementares direitos, como o de viver com dignidade. O Sabura surge como uma forma de luta, à semelhança de muitos outros projetos/iniciativas (Santos, 2014).

Em consequência, podemos afirmar que o projeto Sabura resulta primeiramente da vontade dos moradores de mostrar ao exterior uma realidade positiva de um bairro que dispõe de todas as condições para se poder relacionar com a comunidade envolvente, diferente da que é apresentada pela comunicação social⁵ e perçcionada e recriada pela opinião pública de forma depreciativa. Este foi o ingrediente fundamental do projeto: dar a conhecer os seus múltiplos aspetos positivos mas habitualmente menos divulgados. Nasceu, também, da vontade de difundir a cultura cabo-

verdiana, inscrita nas danças, no artesanato, nas festas (Kola Son Jon), na música (Batuque), na gastronomia (restaurantes —congo com galinha, massa de milho, calulu de peixe, cuscuz, rolão, cachupa, muamba, mandioca, xerém, moqueca, mufete, entre outros; mercearias— para desfrutar das cores dos legumes e especiarias africanas, e apreciar o feijão-pedra, o feijão-congo, a mentolada africana, o grogue e o ponche), nos cabeleireiros e sua arte (ex. tranças), na indumentária (corte e costura), nas habitações (autoconstrução), e da vontade de valorizar e estimular o comércio e todas as atividades económicas do Bairro, em especial os cabeleireiros, os restaurantes e as mercearias e, bem assim, afirmar a legitimidade sobre este espaço, localizado a escassos quilómetros da capital, com boas acessibilidades, e cobiçado pela especulação imobiliária (Costa, 2011).

Também podemos afirmar que o Sabura é precursor do segmento do turismo étnico em Portugal, pelo formato, pela organização e pela eficácia com que pretende estruturar, organizar e divulgar a cultura cabo-verdiana, através da capacitação da comunidade e da adaptação do espaço como produto turístico (melhorando a segurança e a higiene), visando mostrar a realidade factual do quotidiano e produzir receita para a comunidade, pela dinamização do comércio e dos serviços e pela preservação e valorização dos traços étnicos e culturais. É, também, um projeto que evidencia o trabalho realizado pela ACMJ em prol da comunidade, que funciona de dentro para fora, para atrair mais pessoas ao Bairro. É, ainda, um projeto pioneiro, com características próprias, que se distancia da oferta do Martim Moniz, e não

⁵ Pela exibição predominante de peças informativas que associam este espaço ao crime, à droga, à marginalidade, ao vandalismo e à desobediência civil.

pode ser confundido um elemento da concepção cosmopolita da cidade Lisboa, criada após a Expo 98.

A aposta na construção individual, no *empowerment*, dando importância à ação e à capacidade para pensar e influenciar, e a opção por uma intervenção centrada na pessoa, que considera para a intervenção no Bairro as melhores propostas apresentadas por cada um dos covamourenses, envolvendo-os no processo e tornando-os o motor da intervenção, ajudando-os a encontrar em si a força da mudança, a autodeterminação e a criação de competências, são os ingredientes que produzem resultados mais duradouros, como advoga Friedmann (1996). São também elementos característicos de um modelo de serviço social humanista, com muitos dos pressupostos teóricos de Payne (2011), e do valor do personalismo, advogado por Carmo (2000). É neste quadro que se insere o projeto Sabura, contribuindo, definitivamente, para o fim do velho modelo de intervenção social onde a inércia do cliente era condição para uma intervenção.

O projeto Sabura, assente numa estratégia de coesão, deixou um rasto positivo que contribui para a sua sustentabilidade e está refletido na quantidade e natureza das ações realizadas, que cobrem duas áreas: observatório social e laboratório social (Carmo, 2008), e potenciam a discriminação positiva.

Enquanto observatório social - O Sabura mobilizou a comunidade, deu visibilidade a um problema social complexo que sofre deveras a interferência pela dimensão sociocultural; promoveu a discriminação positiva e consolidou uma consciência de mudança social; aglutinou olhares disciplinares distintos sobre um problema concreto e permitiu, através dos estágios profissionais e académicos, maior divulgação e produção de literatura versando o problema, muito importante para a mudança; possibilitou a criação de uma rede informal de parcerias, evitando a sobreposição e aproveitando e potenciando o total de recursos existentes; estimulou a realização de vários eventos (palestras, seminários e workshops) e muitos programas e reportagens em rádio e televisão, sobretudo devido às inúmeras personalidades nacionais e internacionais, incluindo chefes de Estado e de Governo, que visitaram o Bairro no quadro do Sabura; produziu consciencialização e pressão sobre o problema. A cobertura mediática foi muito intensa desde o lançamento do projeto, em março/abril de 2004 (Santos, 2014) - basta fazer uma pesquisa em qualquer

motor de busca utilizando o nome do projeto Sabura para obter centenas de resultados.

Enquanto laboratório social – Os dados recolhidos através das fichas de visita têm permitido a melhoria constante do projeto e, conseqüentemente, têm contribuído para a concretização dos seus objetivos: a abertura do Bairro ao exterior e a dinamização dos espaços de comércio e serviços. Por um lado, o *feedback* dos visitantes tem sido uma fonte de informação importante para procurar metodologias mais adequadas, e para conceber e implementar programas inovadores, em termos metodológicos e teóricos (para a valorização do indivíduo e o reconhecimento da importância das vertentes da inclusão social), com diversos intervenientes nacionais e internacionais. Por outro lado, os dados estatísticos obtidos são importantes para a realização do diagnóstico das necessidades sociais, do plano de desenvolvimento social e de planos de ação. O Bairro é um local visitado e estudado por investigadores de diversas áreas científicas, que ali aplicam diversas teorias e desenvolvem projetos muito variados.

O projeto Sabura faz parte de um diagrama mais amplo de intervenção social no BACM (em contexto micro), que se pauta por valores de personalismo, solidariedade e qualidade de vida (Carmo, 2000). Neste processo, o sistema-interventor é a ACMJ, que desenvolve ideias inovadoras capazes de mudar, no presente (*aqui e agora*), comportamentos dentro do Bairro e, simultaneamente, operar mudanças no seu ambiente externo, como acontece com o Sabura. Recorda e está ao nível dos desígnios de movimentos religiosos de revitalização, suportados na teologia da prosperidade, que remete para a felicidade material no imediato, aqui e agora, ou seja, na vida terra e não após a morte (Murray, 2012).

A ACMJ assume-se como recurso social da população do BACM, que é o sistema-cliente segundo a definição de Carmo (2000). Note-se que a ACMJ é constituída pela população do BACM (Santos, 2014), pelo que os habitantes que têm uma prática profissional de sistema-interventor são, em simultâneo, beneficiários enquanto sistema-cliente, portanto, no extremo, recursos de si próprios. Mas o sistema-cliente é, naturalmente, bastante mais abrangente. A ACMJ trabalha igualmente em parceria com outras entidades integradas em rede, de dentro e fora do Bairro, que também se assumem como sistema-interventor e criam

um sistema de laços gerador de capital social, entre subsistemas deste e entre centros de recursos e decisões exteriores à comunidade, resultando numa mais-valia, na complementaridade e rentabilização dos recursos.

O sistema de comunicações entre sistema-interventor e sistema-cliente visa suprir as carências sociais deste último e criar laços de solidariedade, potenciando estímulos e combatendo os obstáculos à mudança (Carmo, 2000). Foi construído dentro da comunidade e para a comunidade, aproveitando a sua visão mais conhecedora e alargada dos problemas sociais, mas serve também os que visitam a comunidade, especialmente no âmbito do Sabura. Os visitantes acabam por figurar nesta moldura ao tornarem-se clientes do Bairro, que aqui assume a função de interventor, mostrando através dos percursos guiados que já merece, pelo menos, não ser comentado por causa de práticas isoladas de delinquentes que não representam a comunidade.

Para concluir, com base no exposto e com base na experiência do trabalho quotidiano no BACM, parece-nos importante salientar que o projeto Sabura mostra ser essencial no processo de combate à pobreza e exclusão social, e a sua contribuição faz-se a vários níveis: no combate à desigualdade e à ostracização social, que promovem o nascimento de sentimentos e comportamentos de discriminação, na melhoria da situação vigente de anomia generalizada e de autismo social, decorrentes de um défice de cidadania, e no reforço e definição de objetivos, especialmente o reforço da identidade histórica, social e cultural. A capacidade de mobilização e de coresponsabilização, desenvolvida por processos de *empowerment* (capacitação), para o qual muito contribui o Sabura, ampliou e irradiou os efeitos do esforço dos cova-mourenses interessados na mudança e na mitigação das desigualdades, que condicionam os direitos sociais e impedem a vida condigna, e na irradicação da anomia, que acontece pela discriminação negativa (visível na forte repressão policial, que ainda hoje se faz sentir), permitindo a construção de referências no interior, valorizando a autoestima identitária dos habitantes, e reconstruindo a imagem que passa para o exterior. E isso é de suma importância para

o BACM, e permite que o projeto possa ser aplicado em outras situações⁶.

⁶ Convidam-se todos a visitar o BACM para descobrir a alma, o “djunta mó”, a vida dos moradores, e para vos receber está na entrada do Bairro o Martin Luther King, “eu tenho um sonho”. Contato para agendamento de visita guiada: Associação Cultural Moinho da Juventude (ACMJ), Travessa do Outeiro, 1 - Alto da Cova da Moura, 2610-202 Buraca. Telefones: 214971070 / 214905120. Fax : 214974027. Email: sabura.visitas@gmail.com. Página da internet: <http://www.moinhodajuventude.pt/>

Referencias

- Associação Cultural Moinho da Juventude, ACMJ. (2010). *Relatório de Actividades de 2010*. Não publicado.
- Associação de Moradores do Bairro do Alto da Cova da Moura, AMBACM. (1997). *Historial do Bairro Alto da Cova da Moura*. Não publicado.
- Carmo, H. (2000). *Intervenção social com grupos*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carmo, H. (2008). O rasto do PETI. En Joaquina Cadete (Ed.), *10 Anos de combate à exploração do trabalho infantil em Portugal* (pp. 263-295). Lisboa: Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social.
- Costa, F. L. (2011). Globalização, diversidade e “novas” classes criativas em Lisboa: economia etnocultural e a emergência de um sistema de produção etnocultural. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 67, 85-106. <http://spp.revues.org/615>
- Friedmann, J. (1996). *Empowerment: Uma política de desenvolvimento alternativo*. Oeiras: Celta Editora.
- Goffman, E. (1963). *Stigma: Notes on the management of spoiled identity*. New York: Simon and Schuster.
- Link, B. G. & Phelan, J. C. (2001). Conceptualizing stigma. *Annual Review of Sociology*, 27, 363-385. <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.27.1.363>
- Laboratório Nacional de Engenharia Civil, LNEC. (2008). *Colaboração do LNEC na análise das condições de habitabilidade do edificado no Bairro do Alto da Cova da Moura. Avaliação das necessidades de reabilitação do edificado. Relatório de síntese*. Lisboa: LNEC.
- Murray, K. (2012). Pentecostalism and prosperity. The Socio-Economics of the Global Charismatic Movement. *Journal of Church & State*, 54(4), 666-668. <https://doi.org/10.1093/jcs/css100>
- Narayan, D. (Ed.) (2002). *Empowerment and poverty reduction - a sourcebook*. Washington, D.C.: The World Bank.
- Payne, M. (2011). *Humanistic social work: Core principles in practice*. Chicago: Lyceum Books.
- Payne, G. T., Moore, C. B., Griffis, S. E., & Autry, C. W. (2011). Multilevel challenges and opportunities in social capital research. *Journal of Management*, 37(2), 491-520. <https://doi.org/10.1177/0149206310372413>
- Putnam, R. D. (1995a). Bowling slone: America’s declining social capital. *Journal of Democracy*, 6(1), 65-78. <https://doi.org/10.1353/jod.1995.0002>
- Putnam, R. D. (1995b). Tuning in, tuning out: The strange disappearance of social capital in America. *PS: Political Science & Politics*, 28(4), 664-683. <https://doi.org/10.2307/420517>
- Putnam, R. D. (2000). Bowling alone: The collapse and revival of American community. *Proceedings of the 2000 ACM conference on Computer supported cooperative work (CSCW '00)*. ACM, New York, NY, USA, p. 357. <https://doi.org/10.1145/358916.361990>
- Santos, M. P. N. (2014). As novas dinâmicas da sustentabilidade urbana em territórios de pobreza e exclusão social: o caso da Cova da Moura. *Revista INVI*, 29(81), 115-155. <https://doi.org/10.4067/s0718-83582014000200004>
- Santos, M. P. N. (2015). Sabura 2004-2014. Cova da Moura: Associação Cultural Moinho da Juventude. Recuperado de <http://www.tomkiewicz.org/publicaes/index.html>
- Wacquant, L. (2013). *Urban outcasts: A comparative sociology of advanced marginality*. E-Book. ISBN: 978-0-7456-5747-9.
- Wesselingh, I. (2003). Turismo étnico reabilita guetos. *Diário de Notícias*, 26 de agosto.
- Whittaker, C. G. & Holland-Smith, D. (2014). Exposing the dark side, an exploration of the influence social capital has upon parental sports volunteers. *Sport, Education and Society*, 21(3), 356-373. <https://doi.org/10.1080/13573322.2014.923832>